

Welci Nascimento

Caminhando...



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Quem, quando criança, não ouviu sua mãe murmurar a palavra anjo? Quem não conhece uma clássica estampa que a nossa mãe colocava no quarto, onde aparece um menino e uma menina atravessando um pontilhão de madeira, perigoso, e um anjo, atrás, os protegendo? O mês de setembro, além de ser o mês da Bíblia, nos faz lembrar a festa de São Miguel. Dia 29, é o dia da festa dos arcanjos, Miguel, Gabriel e Rafael. São anjos mensageiros, enviados por Deus. É o que aprendemos no catecismo da Igreja Católica. A Escritura nos diz que os anjos são puros espíritos, que Deus criou para a sua glória e seus serviços.



Welci Nascimento

Caminhando...

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaGul 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Digitação e revisão por: Izabela Nascimento de Mattos

N244c Nascimento, Welci

Caminhando [recurso eletrônico] / Welci
Nascimento. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

3,2 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-399-9

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Rio Grande do Sul – História. I. Título.

CDU: 981.65

Ofereço este livro a minha esposa

Clair Lisboa Nascimento.

Deixamos os 70 anos, os 80 lá se vão,
à procura dos 90.

“Eu sou o caminho”, disse Jesus.
Mt (7-14)

Caminhando,
E nada mais.
Eu caminho,
Até cansar.
Caminhando...

Rodrigo Nascimento Böhme

Caminhando...

Conta-se que um jovem cristão se dirigiu a um jovem muçulmano, dizendo:

- Ensina-me a rezar na fé de vocês?

A partir de então, os dois jovens se encontravam, regularmente, até que um dia, depois de um período de ausência, um deles disse:

- Faz tanto tempo que não conversamos que não cavamos nosso poço! A partir daquele momento, a expressão “cavar o poço”, tornou-se presente entre eles.

Dias depois, o jovem muçulmano perguntou ao jovem cristão:

- No fundo do poço, o que iremos encontrar?

O jovem cristão, então, disse:

- A gente se conhece há tanto tempo e você me faz essa pergunta? O jovem pensou, pensou e respondeu:

- O que vamos encontrar no fundo do poço é a água de Deus.

“O que vale na vida não é o ponto de partida e, sim a caminhada”, disse a poetisa e contista brasileira, Cora Coralina.

Inspirado na escritora escolhi o título deste livrinho:

CAMINHANDO....

I

O livro, o professor e o aluno completam o triângulo amoroso do saber.

Mas, por falar em livro, me vem à lembrança a figura daquele menino que foi estudar na escola primária. O saudoso Grupo Escolar.

Faceiro, o menino levava consigo o livro “Queres Ler”, o livrinho da tabuada, a lousa e a merenda, para saborear na hora do recreio. Tudo guardado no bernal, uma espécie de saco de pano, levado à tira colo.

O piazito, de alpargata, lá se foi para a escola.

O livro “Queres Ler”, fininho, continha vinte e cinco lições. Não tinha figuras. Pura leitura, para aguçar a imaginação do leitor. Começava pelas letras, maiúsculas, minúsculas, de caligrafia. Partia das letras para chegar às palavras e às frases.

Na escola, a leitura era feita, diariamente. Havia leitura silenciosa. Só com os olhos. Leitura oral individual, em grupo. Era preciso dominar a leitura por completo.

Depois do livro “Queres Ler”, veio o livro de leituras selecionadas. Era a “Seleta”. Os textos, tratavam de assuntos relacionados à história, geografia, ciências, ética, moral e religião. Com a “Seleta”, completava-se mais um ciclo.

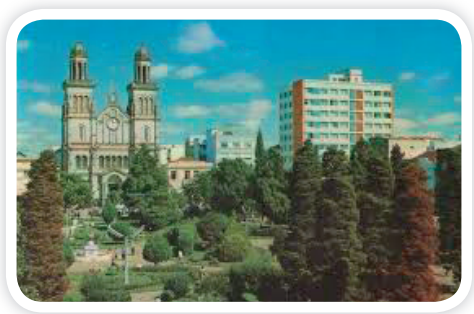
A escrita iniciava na lousa. Também chamada de “pedra”. E, realmente era uma pedra, porém em forma de uma lâmina, muito fina, onde o menino escrevia.

Naquele tempo, não havia a tal de livraria. O material escolar, hoje uma enorme lista de coisas, era comprado no armazém e nas bodegas do interior.

A lousa era enquadrada numa madeira. Uma espécie de quadro medindo, mais ou menos, 50 por 30 centímetros. Nesse espaço, o menino escrevia, apagava, realizava operações matemáticas, desenhava, apagava. A toda hora ele escrevia e apagava aquilo que escrevia. Guardava tudo no seu computador, a cabeça. Para fazer todas essas operações de escrever e apagar, o menino levava um pedaço de pano, dependurado na lousa, por um barbante.

A professora, por sua vez, exigente e séria, tomava a leitura e a tabuada todos os dias.

II



Praça Mar. Floriano e Catedral N. S. Aparecida

No lugar onde está a Catedral Metropolitana de Passo Fundo havia uma capelinha. Era simples, singela, levantada no topo de uma coxilha bem à vista dos tropeiros, num divisor de águas. Os tropeiros paulistas, curitibanos, missioneiros, vaca-

rianos, cruzavam as picadas, já abertas, à pata de mulas pelos desbravadores do Planalto Rio-grandense. Passando por aqui, certamente, faziam uma paradinha para rezar na Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, nome dado pelos seus primeiros moradores. Capela era um templozinho, um santuário de um só altar. Depois veio um padre, um cura, como se dizia, para rezar a Santa Missa. Nessa época já corria, de boca em boca, o bom nome do povoado do Passo Fundo. “Lá tem água e sesta boas”. O rebombo da Revolução Farroupilha já começava ressoar pelas coxilhas do Rio Grande do Sul. A Capelinha, hoje, é uma Igreja Arquiepiscopal. É uma Metropolitana, isto é, uma metrópole religiosa. Em torno dela, gravitam outras igrejas diocesanas. O vigário é um signatário eclesiástico. Segundo consegui apurar, o primeiro batizado que ocorreu na Capela Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi em 23 de dezembro de 1836. O Padre Guerino Parizzotto, de saudosa memória, nos mostrou um documento, quase apagado pela ação do tempo, onde registra o nome do Padre José Manoel Oliveira Libório do Curato Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Cantemos os esforços dos nossos antepassados na sua aliança com a terra bárbara, onde levantaram a primeira Igreja Católica no território de Passo Fundo, repito, erguemos preces em nome da sua grandeza e da sua Mãe Maria, padroeira da Catedral Metropolitana de Passo Fundo.

III

- Não tenho mais tempo para nada!

O tempo não passa!

São expressões muito usadas, por nós.

O tempo é a existência?

Seria a duração calculável dos seres no sentido da existência?

O poeta Renato Teixeira se expressa assim: “O novo é o amanhecer”. O amanhecer é o tempo? Francisco Garcia, o Xico, como é mais conhecido entre os seus, compôs lindos versos usando o tema. Para uma criança, o tempo parece uma eternidade. Por outro lado, para os adultos, o tempo passa rápido. Quando vem chegando o final de ano, nascem as expectativas, as esperanças de dias melhores. Elas estão sempre presentes na vida da gente. A humanidade vive de expectativas. Ano novo, vida nova, dizem. A vida seria uma sucessão de dias e noites? A vida seria o tempo decorrido entre o nascimento e a morte? Então a vida é curta para uns e prolongada para outros? A propósito, por falar em vida, lembremos de Jesus Cristo: “Eu sou a vida”. Numa perspectiva de Fé, a vida é eterna e Ele completa: “...e a tenham em abundância”. O que significa a expressão ... em abundância? “Meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque ele é carne e a duração de sua vida será de cento e vinte anos” (Livro de Gênesis). Por outro lado, o livro dos Salmos proclama: “Todo o homem não é mais do que um sopro”.

Por tudo isso, saudemos uns aos outros, porque não sabemos o que acontecerá amanhã, no novo dia. No fundo, no fundo, nós procuramos a paz. A paz de Jesus Cristo, contido na Palavra.

Mas o mundo parece não querer a paz.

Que mundo é esse?

IV

Os panos em que Maria e José enrolaram o Menino Jesus e o calor dos animais que estavam ao redor da manjedoura foram muito importantes naquela noite fria. A família de Nazaré viu os pastores e os reis dobrarem os joelhos. O clima era de absoluto silêncio. Era uma noite clara, cheia de estrelas, segundo a descrição do Evangelho. Maria e José teriam passado muito trabalho, nos dias que antecederam o Natal. Imagine só, Maria e José, sozinhos, numa gruta, a espera da chegada do Homem – Deus. A luz existente era do firmamento e a segurança era a presença de José.

O Evangelho diz: “ No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria...” Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo”. (Lc.1.26.27)

No ventre de Maria estava o Menino Deus. José cuidava de Maria com muita paciência.

O Natal aconteceu.

O Menino Jesus estava, humildemente, envolto em panos e aquecido pelo calor natural da sua mãe Maria.

Atrás da fragilidade do menino, naquela noite sem igual, estava escondido todo o poder de Deus, que o tornaria o Salvador do Mundo, vencendo Herodes e todo o mal. Quando este soube, por intermédio dos Reis Magos, que havia nascido um Rei, logo mandou matar todos os recém nascidos, diz a Palavra.

Mas José recebeu em sonho o Anjo do Senhor e lhe disse:

“Levanta-te, toma o menino e sua Mãe”. E partiu rumo ao desconhecido. Passando o perigo, José retornou a sua terra, com Maria e o Menino Jesus.

O papel de José foi o de cooperar com o plano de Deus para a salvação do mundo. José foi obediente, paciente, simples e trabalhador. Ele seria um trabalhador da construção civil, como diríamos nos dias de hoje?

José, no silêncio, sabia que o Menino era obra do Espírito Santo.

O Anjo lhe disse: “ Ela dará à luz um filho a quem tu porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo de seus pecados...” Narra o Evangelho.

Naquela noite maravilhosa, Deus se manifesta aos homens simples do campo, dizendo: “ Não temais, eis que vos anuncio uma boa nova que será alegria para todo o povo: Hoje vos nasceu, na cidade de Davi, um Salvador, que é o Cristo Senhor”. Quem seriam esses “homens simples”?

O Natal de José foi a festa da gratuidade e da simplicidade.

V

Cada idade traz, consigo suas experiências. Os primeiros anos são experiências essencialmente familiares. A moderna pedagogia nos diz que não é bom tirar a criança do lar, levando-a para berçários ou outra instituição qualquer. Ninguém substitui os pais na educação dos filhos. Aos seis anos, a criança vai para escola. Antigamente era assim. Depois vem a adolescência. Tempo em que toda a educação recebida é posta em questão. Vem a descoberta da liberdade, das amizades, planos,

namoro, casamento... Cada um desses acontecimentos poderá ser uma maneira de descobrir a Deus ou, ao contrário, uma ocasião de esquecê-Lo.

No passado, que eu ainda me lembro, a escolaridade dos filhos se dava na “idade da razão”. Diziam que era aos sete anos. O ensino religioso, a formação religiosa, por outro lado é uma experiência vivida e interpretada nos diversos ambientes em que vive a criança ou adolescente. A educação religiosa, no entanto vai do nascimento até o fim da vida. Ela é constante e se apoia numa experiência.

Mas como é possível alcançar a Deus pela experiência? O evangelho nos oferece uma imagem do seu invisível esplendor: “Deus criou o homem a sua imagem...” Criou-se o homem e a mulher. Será que não é do contato com a criação que os nossos filhos aprenderão a conhecer o Criador? Não será do contato do amor humano que Deus poderá ser conhecido? Deus se revela nas atitudes de amor dos pais para com os filhos e dos cônjuges entre si. Essa experiência poderá ser no contexto da vida, em casa, na rua, na igreja... Falar de Deus para os filhos é, também, participar da Eucaristia. É estar presente na igreja, participando, agindo em favor da transformação da sociedade, por um mundo melhor. Os filhos costumam observar o que os pais fazem ou dizem e poderão reproduzir o que viram e sentiram no seio da família?

VI

Ganhei um livro. Como é bom! A delicadeza foi do amigo Fernando Miranda. O livro tem como título: “PASSO FUNDO O Passo das Ruas”, de Fernando Miranda e Jeferson Mendes.

Eles escreveram, com muita propriedade, os assuntos relacionados aos nossos passos, ornamentado com belíssimas fotos. Elas, as ruas, nos remetem ao passado e nos dão uma visão nítida da transformação da cidade. As praças, as casas, os solares antigos, os lugares públicos nos fazem ver quanto o tempo nos absorve. O livro nos arremessa no tempo, duração dos seres e das coisas.

Craci Dinarte, saudosa poetiza e companheira na Academia Passo-fundense de Letras, fala assim sobre sua rua: “A minha rua e eu nos observamos como amigas. Juntas nós envelhecemos”. É verdade. Envelhecemos com as nossas ruas. As ruas da cidade velha de Passo Fundo continuam estreitas e não conseguem mais suportar o intenso fluxo dos veículos que tendem a aumentar, a cada dia. A cidade, nestes últimos anos, sofreu uma profunda transformação, o que já estava previsto, desde a metade do século XX. A pequena cidade, que se fundava nas relações humanas de parentesco e era organizada à base de costumes e tradições, hoje funda-se numa base territorial que se organiza na divisão do trabalho e nos mais variados meios de comunicação social.

Folhando o livro, por vezes, nos dá tristeza, quando constatamos que muitas casas bonitas foram engolidas pelos edifícios. Algumas, até que poderiam estar ali, em pé, para que fosse possível testemunhar uma época da nossa história. Muitas ruas de Passo Fundo tem nome de gente. Gente que fez a história local. Pessoas com forte vínculo com o município, com o nosso dia-a-dia. É notório que a cidade cresceu muito para o alto e para os lados. À medida em que o município perdia sua área territorial, fruto das sucessivas emancipações, a cidade passava a receber uma população originária do chão emancipada.

“Ruas, caminhos das casas.

Eu já não conheço mais o ninho dos meus vizinhos.”

VII

Porto Alegre da minha vida estudantil era nostálgica. O conjunto habitacional do centro da cidade formado por casas antigas, à moda portuguesa, enfeitava os ambientes. Ainda hoje, há vestígios dos sobrados, as cerâmicas da rua Duque de Caxias e o Quiosque da Praça XV...

A zona norte, também chamada de Navegantes, contava com múltiplas funções como o Porto Mauá, bem movimentado, a Estação da Viação Férrea, as indústrias com destaque para a Indústria Renner e o simpático clube de futebol, com o mesmo nome.

A zona sul oferecia à população belas praias do rio Guaíba, Lami, Itapema... Era só embarcar nos ônibus ou nos bondes elétricos na Av. Borges de Medeiros, e logo ali estavam as praias do Rio Guaíba.

A Av. Ipiranga ainda não existia e o arroio não era canalizado.

Porto Alegre do meu tempo de estudante era recortada pelos trilhos dos bondes que corriam de norte a sul, de leste ao oeste, subindo e descendo ladeiras ou deslizando pela cidade baixa.

Nos domingos de futebol, especialmente por ocasião da realização dos grenais disputados no Estádio do Eucalipto, no Menino Deus, do Internacional ou no velho Estádio da Baixada do Grêmio, tanto num como no outro, os torcedores se deslocavam de bonde ou a pé.

Era uma festa.

Em 1949 - 1950 começa a movimentação política. Getúlio Vargas prepara-se para voltar ao governo. Ele afinava seu discurso garantindo um governo nacionalista. As palavras de ordem eram “O petróleo é nosso”. “Do Itu para o Catete.” O povo costumava chamar o Getúlio de “Gege”. Até uma carteira de cigarros tinha esse nome “GEGE”. Fumar, naquela época, era coisa “chique”. Atravessava-se o Parque da Redenção, tranquilamente, ao dia ou à noite, sem que fôssemos molestados ou assaltados. Nas aglomerações da Rua da Praia, os cinemas, um ao lado do outro, oferecendo sessões sequenciais a partir das 15 horas até às 22. Tínhamos que nos cuidar dos batedores de carteiras chamados de “mãos leves”. O leite, engarrafado, era entregue na porta da frente das residências, por encomenda.

VIII

Hoje, se ligarmos as emissoras de rádio de Passo Fundo, a começar pelas primeiras horas do dia, o repórter, que trata dos assuntos policíacos, toma um espaço apreciável para relatar assaltos, violência de toda a ordem. Não era assim, há alguns anos atrás. As grandes e médias cidades vêm apresentando uma sociedade em movimento. Sofrem rápidas e profundas mudanças.

Essas transformações são evidentes na acentuada expansão demográfica. O fenômeno, segundo os peritos, não somente repercute em todos os setores da vida, como alarma os governos municipais e as instituições, que não podem acolher em seu seio os novos habitantes. Milhares de pessoas vivem mal no Brasil. Viver mal, dá muitos problemas.

O urbanismo desorganizado cria ao redor das grandes cidades verdadeiros cinturões de população heterogênea, por

formação e grau de cultura, trazendo gravíssimos problemas sociais, entre os quais a promiscuidade de vida familiar. É uma população, geralmente, analfabeta que não consegue alcançar os benefícios da cultura. Muitos pais e filhos se criam sem saber ler e escrever, sem saber o que é progresso e desenvolvimento humano. Vivem em condições de miséria, condenados à luta diária.

Há muitas famílias incompletas, seja pela falta de pai, ou de mãe, por morte, migrações forçadas ou abandono do lar, seja por vínculo afetivo... Há o uso abusivo do álcool, dos tóxicos, da prática sexual sem integridade, o tédio, o desespero, a violência.

Não há quem não tenha inquietude no mundo de hoje. São angústias, neuroses, instabilidades emocionais, inseguranças, Vivemos num mundo em constantes mudanças. Ao par de toda a moderna tecnologia, vivemos inseguros. A fome de grandes massas da humanidade, em contraste com a riqueza na mão de poucos. A corrupção, a inseguranças nas ruas, nos lares, no trânsito, gastos com moradia e alimento subindo, estupros...

“A realidade transborda o conceito”, lembra Santo Tomás de Aquino. A família está sendo célula da sociedade que está aí, reproduzindo o modelo que a sociedade apresenta.

IX

“Porto Alegre, 1954. Um cidadão do interior quer entrar no cinema Ritz, mas é barrado, porque veste botas e bombacha. No interior, comunidades fragmentadas por antagonismos partidários entre maragatos e chimangos não podem frequentar os clubes sociais. Começa uma invasão cultural norte americana através do rádio, cinema, revistas...”

O exposto acima, resume, embasa, um importante documento elaborado pelo poeta, escritor e folclorista, Barbosa Lessa, “o papa” do tradicionalismo gaúcho, apresentado na cidade de Santa Maria, onde se reuniram vários centros de tradições gaúchas, ainda poucos, para traçarem as linhas mestras do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Barbosa Lessa apresentava a tese definitiva desse Movimento, partindo para uma linha de massificação popular. Na visão dele, os centros de tradição gaúchas não seriam de uma elite rural, como se avizinhava. Os CTGs, seriam populares. Quando um grupo de jovens, no final da década de 40 fundaram em Porto Alegre o “35” CTG, era uma tentativa, ainda hesitante, de salvaguardar a cultura nativa. O tradicionalismo gaúcho, a partir de Barbosa Lessa, explodiria em dimensão fantástica.

No final do século XX, o traje regional gaúcho é colocado num lugar de honra entre os símbolos do Rio Grande do Sul. A Bandeira Rio-Grandense é hasteada em todos os cantos do Rio Grande do Sul e o Hino é cantado por todos, nos CTGs, nas escolas e até nos campos de futebol. Fandangos proporcionam divertimentos sadios, as emissoras de rádio tocam as músicas gaúchas, os compositores os músicos são destaques dentro e fora do Rio Grande e os CTGs, tornaram-se a expressão das comunidades, acima das rivalidades partidárias.

Para alcançar seus fins, diz Barbosa Lessa, “é preciso dar atenção especial às novas gerações, para seguirem os passos das antigas gerações. Por isso, o tradicionalismo deve servir-se do folclore, da arte, da literatura, do esporte, da recreação. São meios para que o tradicionalismo alcance seus fins”.

X

Um dia destes, dando uma arrumadinha na minha modesta biblioteca, encontrei o livro “Alice no País das Maravilhas”. Era um livro de bolso, isto é, pequeno, compacto e fácil de manusear. O livro é uma adaptação do texto traduzido por Lúcia Benedetti da obra original de L. Carrol. Logo na primeira página do livro, rabisquei-o: – É maravilhoso! Leia e verás. A mensagem é endereçada a meus filhos adolescentes. Não assino. Apenas digo: “Papai”. Tenho a mania, às vezes, de rabiscar os meus livros. Até hoje não fiquei sabendo se eles leram, ou não. Só sei que ele tem sinais de que foi manuseado. Será que os jovens ainda leem livros do tipo Alice Nos País das Maravilhas? Confesso que meus netos não estão muito dispostos a fazer esse tipo de leitura. Afinal de contas, que graça tem um livro sem desenho? No livro, Alice descreve que estava sentada no banco de um jardim, ao lado da irmã que lia um livro. Diversas vezes dava uma olhada para o livro. Na realidade, antigamente, as pessoas ficavam curiosas com os conteúdos dos livros. No internato escolar, quando um colega estava lendo uma revistinha em quadrinhos, chamada de “gibi”, um ou dois ficavam por trás do leitor, lendo também. Os livros da biblioteca escolar eram lidos e relidos várias vezes. Havia os “ratos” de biblioteca que não saiam da sala. Naquela época, por falta de professores e escolas, as pessoas que desejavam crescer, intelectualmente, se voltavam para os livros. Eram os autodidatas, isto é, aqueles que se instruíam por si mesmo, sem o auxílio do professor ou da escola. Os livros eram as poucas fontes de conhecimento. Os jovens de hoje costumam rondar as bibliotecas? Antigamente lia-se, preferencialmente, à noite, mesmo sob a luz de uma vela ou lampião. Deitar cedo e

levantar cedo eram um salutar hábito. Hoje, é o contrário. Será que as crianças e os adolescentes seriam capazes de fazer leituras do tipo :”Saci Pererê, Sepé Tiarajú...? Não sei, não . Quem não tem hábito de ler diz que é cansativo. O que realmente cansa, a meu ver, é ficar horas e horas diante de um computador. A falta de gosto pela leitura não seria porque não contamos estórias, reais ou imaginárias às crianças? Desenvolver a linguagem oral não seriam os primeiros passos para despertar o gosto pela leitura? O que não podemos negar é que a leitura desperta a nossa imaginação. O livro é o caminho. A leitura é um bom exemplo, um bom exercício mental. O livro, ao contrário do computador não precisa de energia elétrica, fios, baterias. Eu estou falando do livro tradicional. A leitura tem um relação direta, ou indireta com o belo. A poesia, por exemplo, traduz a beleza. Alguém já disse: “Não há livro, por mau que seja, que não contenha alguma coisa boa.”

XI

Quem, quando criança, não ouviu sua mãe murmurar a palavra anjo? Quem não conhece uma clássica estampa que a nossa mãe colocava no quarto, onde aparece um menino e uma menina atravessando um pontilhão de madeira, perigoso, e um anjo, atrás, os protegendo? O mês de setembro, além de ser o mês da Bíblia, nos faz lembrar a festa de São Miguel. Dia 29, é o dia da festa dos arcanjos, Miguel, Gabriel e Rafael. São anjos mensageiros, enviados por Deus. É o que aprendemos no catecismo da Igreja Católica. A Escritura nos diz que os anjos são puros espíritos, que Deus criou para a sua glória e seus serviços.

Quando Deus introduziu seu Filho na Terra disse: “ –Todos os anjos de Deus o adorem”. (Hb 1,6).

Pois é, alguns anjos têm nome, como: Gabriel: “Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus e fui enviado para te falar e te trazer esta feliz nova”. Esta narrativa está escrita no Evangelho de Lucas (1.19).

Tem o anjo Miguel, citado no livro do Apocalipse. Diz: “Houve uma grande batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram que combater o Dragão.”

No Livro de Tobias, no Velho Testamento: - “Eu sou o anjo Rafael, um dos sete que assistimos na presença do Senhor”.

Os anjos aparecem aos pastores, nos arredores de Belém, quando Jesus nasceu. Apareceu a Zacarias, anunciando que este seria o pai de João, o Batista.

Após a tentação, os anjos se aproximaram de Jesus e o servem: “Em seguida, o deixou e os anjos aproximaram-se Dele para servi-lo.”

E o anjo anunciou às mulheres a ressurreição de Cristo. O anjo disse às mulheres: “Não temais: Sei que procurais Jesus, que foi crucificado. Não está aqui: ressuscitou, como disse.” É o que diz o Evangelho de São Mateus. O mesmo que diz que os anjos são ministros de Deus e que nos fins dos tempos prepararão o juízo final. “Ele enviará os seus anjos...”

Portanto não é por acaso que nossa mãe rezava, ao pé do ouvido, a oração tradicional da Igreja: “ Santo anjo do Senhor meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarde, me governe e me ilumine. Amém.”

A oração fala no Santo Anjo do Senhor. Zeloso e guardador. Existem os anjos maus, também chamados de demônios. Estes não preservam o estado de graça. As Sagradas Escrituras dizem que há muitos demônios.

Eles tentaram o próprio Cristo. Por que não haverão de nos tentar, também?

Jesus nos ensinou a rezar assim: “ Eis como deveis rezar: Não nos deixais cair em tentação, mas livrai-nos do mal” (Mt 6,13)

XII

A oração mais simples é a da Ave Maria. Aprendemos a rezá-la, entre as quatro paredes do nosso quarto, desde pequenino. É um dom precioso, ensinado pela nossa mãe e que se conserva por toda a vida. Desde há muito tempo, a Ave Maria é a oração mais comum entre os cristãos. Por isso, os santuários marianos se multiplicaram pelo mundo e se tornaram centros de evangelização. São Paulo que nos ofereceu um pensamento rico sobre Jesus Cristo, disse: “ Deus enviou o seu Filho nascido da “mulher”. Portanto, Maria Santíssima está intimamente relacionada com Cristo. O Papa João Paulo II, pronunciou muitas catequeses sobre Nossa Senhora. A predileção de João Paulo II, isso ele mesmo disse, era rezar o Rosário. “Encorajados pela presença de Maria, os crentes sentiram, muitas vezes, a necessidade de se dedicar aos pobres, aos deserdados e aos doentes”, - A primeira parte da oração da Ave Maria, é composta de palavras tiradas do Evangelho: “ Entrado, o anjo disse-lhe : Ave Cheia de graça, o Senhor é contigo.... Exclamou em alta voz: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre”. – Na Ave Maria a Virgem é chamada “cheia de graça” e a expressão “O senhor é convosco” revela a especial relação pessoal entre Deus e Maria, reforça João Paulo II”- Na oração do Rosário, a Ave Maria é repetida dezenas de vezes. “Bendita monotonia de ave-marias,” dizia São Luiz Maria de Monfort. O Rosário nos ajuda a entrar na contemplação dos Mistérios do Evangelho. Pelo Rosário permanecemos, algum tempo, em contato íntimo com a Mãe de Jesus. Não é uma coisa gostosa? Monótona são as novelas de televisão que são passadas todas as noites, durante um ano inteiro, dizendo as mesmas coisas que

pouco valem para o crescimento da pessoa humana. O mundo conturbado em que vivemos, ameaçado por assaltos, mentiras, corrupções, furtos, clamam por Maria, nossa Mãe e Mãe de Deus. O Rosário sempre assumiu, e ainda assume, um lugar de destaque na vida de cada um de nós. É a oração dos analfabetos, também. Ela alimenta a nossa fé. “Rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte”.

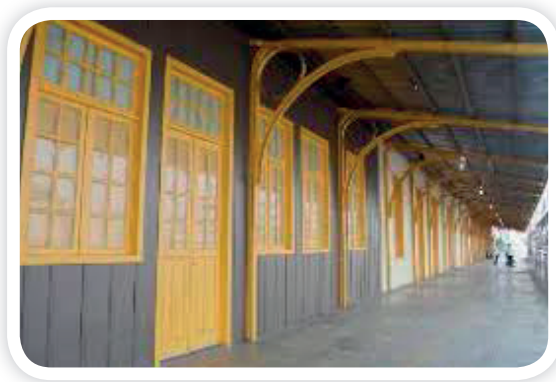
XIII

No meu tempo de estudante no curso ginásial, precisando estudar onde houvesse um ensino mais graduado, me deslocava, pelo trem, de Santa Bárbara do Sul, antiga cidade chamada Blau Nunes, para Porto Alegre. O trem passava pela cidade de Santa Bárbara, em torno de 10 horas, mais ou menos, chegando em Porto Alegre, lá pelas sete horas. Também, mais ou menos. Do outro dia, é bom que se frise. Era uma longa viagem, cansativa, mas prazerosa.

De Santa Bárbara a Cruz Alta era um pulo. Chegando na terra de Érico Veríssimo, lá pelas onze horas ou um pouco mais, havia uma pequena parada, à vez significativa. Ali baldeavam os passageiros e as encomendas, que vinham da região de Santa Rosa, Missões. O trem seguia seu percurso passando pelas cidades de Tupanciretã e Júlio de Castilhos. Nessas estações costumavam embarcar estancieiros, que demandavam à fronteira.

Daí em diante, nos esperava a descida da serra. A famosa Serra de Santa Maria da Boca do Monte que, na localidade de Val de Serra, antes de descer, o trem fazia uma parada para regular os freios da locomotiva. Enquanto isso, a gurizada da localidade aproveitava para vender frutas e pastéis.

Regulados os freios e abastecida a máquina, o cavalo de ferro deslocava-se serra a baixo, vagarosamente. A chegada na estação de Santa Maria, lá pelo final da tarde, se constituía num festival de passageiros, malas, pacotes, que seriam baldeados para o trem noturno de Porto Alegre. Logo em seguida, chegava o trem da fronteira, trazendo passageiros, malas e pacotes de Uruguiana, Alegrete, Bagé, Cacequi... tudo com destino a Porto Alegre. Era a hora de comer alguma coisa. Os pobres comiam aquilo que traziam de casa. Os mais abastados iam para o restaurante da estação ferroviária. Enquanto isso, os carregadores de malas e os funcionários dos correios e telégrafos recolhiam os sacos de encomendas, que seriam enviados à capital do Estado.



Estação Ferroviária de Passo Fundo do séc. XIX

Já noite, partia o trem noturno de Santa Maria a Porto Alegre. Vagões de carga, passageiros nos vagões de primeira e segunda classe, restaurante luxuoso, vagões leitos. À noite, era lindo de se ver os vagões serpenteando pelas planícies e pelas coxilhas do Rio Grande. Depois de certa hora, quase todos dormiam. Uns sentados em bancos confortáveis dos vagões de primeira classe, outros nos carros leitos e outros em bancos de madeira, sentados de costas para o outro, sem onde reclinar a cabeça.

Os ferroviários era uma força organizada. Eles conseguiam parar uma cidade, como fizeram em Santa Maria protestando contra o aumento abusivo da carne bovina. Certa feita, ao nos aproximar de Santa Maria, o chefe de trem dava um aviso: - “Os ferroviários e seus familiares estão deitados sobre os trilhos, destruíram alguns metros deles, para impedir que o trem noturno de Porto Alegre saia da gare”. Tivemos que posar na cidade, até que, no outro dia, tudo foi resolvido. Muitas coisas poderiam acontecer, numa viagem longa.

XIV

O termo “cacique”, comumente, quer, significar, entre os indígenas, líder, chefe. No entanto, Lourivaldo Veloso, um dos autores do livro “Gente da Terra, Conquistas e Caminhos Povoadores”, lançado na Academia Passo-fundense de Letras, diz: “O Kaingang nunca teve cacique. Quem inventou a figura do cacique fomos nós, os brancos.”

Vamos admitir que outros grupos tivessem seus caciques. Na linguagem dos indígenas, cacique seria sinônimo de guerreiro, chefe valente, defensor da terra. È o que eu imagino. Mas existe a forma figurada. Cacique, entre os brancos, pode ter o significado de chefe político, defensor de um determinado partido político, com poder em um determinado lugar. No dizer do povo é aquele que manda e desmanda. Geralmente eles são valentes. Defendem seus interesses ou dos grupos que os seguem. Eles detêm o poder e lutam pelo poder. As terras do Igaí eram habitadas pelos indígenas, liderados por seus caciques. Detiam a posse mansa e pacífica da terra. Viviam livres. Tudo era de todos. Com o decorrer do tempo, os caciques brancos foram

chegando, chegando... Necessitavam dos caciques indígenas para poderem atravessar as matas. Necessitavam do “bugreiro”. Lourivaldo disse que Kaingang não gostava dessa denominação. As forças dos caciques brancos eram fortes e tocavam os caciques indígenas para, cada vez, mais longe. E os caciques brancos iam tomando conta das terras dos caciques indígenas.

Até na Câmara de Igaí, dirigida pelos caciques brancos, eram expedidos papéis para que outros caciques brancos tomassem posse das terras. Os caciques brancos chamavam de “terras devolutas”, isto é, sem dono, de ninguém. Os caciques indígenas se arranchavam nos ervais e nos pinheirais. Iam sendo empurrados para longe.

Ouvi dizer que um dia o Cacique Guaraé fora aprisionado por um cacique branco. Guaraé tinha que ajudar a combater um padre que estava atrapalhando a vida do cacique branco. Vai, daí, que o cacique Guaraé gostou muito do padre e resolveu ficar na terra do Igaí, apoiando o religioso.

Muitos outros caciques indígenas ficaram: Nonoai, Doble, Marau.... Seus descendentes ainda andam, por aí, pelas estradas, pelos povoados, vilas e cidades. Precisam cumprir as leis dos caciques brancos. Estão reduzidos. De vez enquanto, saem, trancam estradas e atrapalham a vida dos brancos. Os caciques brancos não gostam e seus seguidores chamam os caciques indígenas de vagabundos.

Pois é, “a vida do índio, romanceada, é muito bonita” diz Lourivaldo Veloso, mas a “história real do nosso índio é triste”.

XV

O presidente Getúlio Dorneles Vargas nasceu em São Borja, e morreu no Rio de Janeiro, em 1954. Getúlio foi destacado integrante das hostes de Júlio de Castilhos, de Borges de Medeiros e cresceu em família, historicamente, ligada aos republicanos. Seu pai, General Manoel do Nascimento Vargas lutou de lenço branco no pescoço, na Revolução Federalista, que ensanguentou o Rio Grande do Sul. Tenho na lembrança, muito bem, a figura de Getúlio Vargas, na era do “Estado Novo”. De 1937 a 1945 Getúlio governou o Brasil com mão de ferro. Mesmo assim, era uma pessoa simpática, aos olhos do povo. “Foi para realizar a tarefa de renovar o Brasil que se instituiu, em fins de 1930, a ditadura no país”, afirmou um dos mais destacados líderes da UDN, Joarez Távora, seu adversário político.

No dia 20 de agosto de 1930 chegava no Rio de Janeiro, via Porto Alegre, o dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, deputado federal pelo Rio Grande do Sul e, desde logo, foi favorável ao movimento chefiado por Getúlio Vargas amparado por Osvaldo Aranha, João Neves da Fontoura e Flores da Cunha, a chamada Revolução de 30.

O deputado Vergueiro denunciava a Getúlio Vargas a falta de policiamento no município de Passo Fundo, muito extenso, populoso. Solicitava o envio de 200 homens armados, o que foi conseguido, imediatamente. Não demorou muito, recebeu o dr. Vergueiro importante carta do dr. Osvaldo Aranha que dizia: “Não preciso encarecer a tua atuação em tudo isso, és a alavanca da Serra. Confio tranquilamente em que tudo isso sairá a tempo e hora, porque conheço a tua capacidade”.

A Revolução de 30 estava por eclodir para colocar o Dr. Getúlio Vargas no poder. Getúlio Vargas governou o Brasil de 1930 a 1945, quando, depois da segunda guerra mundial foi deposto. Se auto exilou na sua terra no natal, São Borja, e lá ficou, até o ano de 1950, quando foi reconduzido, pelo voto popular, à Presidência da República, novamente. Em 24 de agosto de 1954, pressionado pelas oposições, cometeu suicídio, na ala residencial do Palácio de Catete, foi de muita comoção social em todo o Brasil, incluindo Passo Fundo, com manifestações de revolta nas ruas da cidade.

Getúlio para o bem e para o mal está mais vivo do que nunca. Ele é a esfinge do povo gaúcho, cantado em prosa e verso pelo Teixeira. Quem viveu os tempos de Getúlio Vargas, não esquece. Getúlio foi tema de carnavais. Quem não lembra a marchinha cantada pelo povo que dizia: “-Ponha o retrato do velho, ponha no mesmo lugar, o retrato do velhinho faz a gente trabalhar...”, referindo-se a volta de Getúlio para governar o Brasil no ano de 1950. Em 24 de agosto de 1954 morre Getúlio Vargas. Dois anos depois veio a falecer o Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, em 16 de março de 1956.

Um fato curioso aconteceu, em 1932. Nicolau Vergueiro que ajudou a colocar Getúlio Vargas no poder, em 1930, foi exilado na Argentina, por defender os paulistas na Revolução Constitucionalista, também chamada de Revolução Paulista, contra a ditadura Vargas, que se avizinhava, em 1937. Era intendente do Estado do Rio Grande do Sul o General Flores da Cunha.

Como dizia o governador Leonel Brizola: “- Política, é a ciência de engolir sapo”.

XVI

A carreta já foi um instrumento valioso e exerceu um papel muito importante na economia do Rio Grande. Foi um meio de transporte desbravador. Trazia e levava mantimentos. Trazia ela trempe de ferro, para pendurar a chaleira ou a panela sobre o fogo. Trazia, também, um garrote, espécie de barril, que conduzia água potável para beber. O lampião e a pá poderiam ser úteis, na eventualidade de um atoleiro pelas estradas. Amadeu Goelzer, de saudosa memória, certa feita, nos enviou uma carta contando como era uma viagem de Passo Fundo até Rio Pardo que ele realizava, quando piazote, na companhia de seu pai, de carreta.

A velha carreta deu lugar ao automóvel. O ranger das rodas da carreta cede lugar aos estrondos dos motores, As ferramentas que o carreteiro levava foram trocadas pela impaciência do motorista, pelo som estridente do rádio, pela imprudência, pela vontade de andar em alta velocidade, de ultrapassar... A vida é trocada pela morte nas estradas, às vezes. De tanto a pessoa correr, já dá a impressão de ter perdido o próprio rumo. “Talvez nenhuma outra cena provoque tão profundo sentimento de nostalgia, como o inesperado deparar de uma carreta, numa volta de caminho, em contraste com uma época vertiginosa”, disse o poeta Barbosa Lessa.

Alguns motoristas não conseguem andar de forma moderada. Os automóveis estão sendo construídos para andarem em alta velocidade. Eles não provocam nenhuma nostalgia. Nenhum sentimento de paz. Os automóveis antigos conseguiam provocar um ar de nostalgia, ao andar. Hoje eles são suicidas.

São armas mortais nas mãos dos motoristas insensatos. Os chamados “feriadões” podem trazer muitas tristezas. Os dias santos não são mais santificados. Não são mais guardados para serem santificados e os feriados cívicos não são mais para fazer lembrar os fatos e as pessoas homenageadas. Nesses dias, muitas pessoas saem em desabalada corrida pelas estradas e trocam o aconchego do lar por uma ida e volta de dois ou três dias. Até parece que não tem mais sentido ficar em casa, com a família.

“A velha carreta que o Rio Grande conheceu, o progresso te esqueceu”, lembra o poeta Aparício Silva Rillo...

XVII

No tempo das danças antigas, como a mazurca, o caranguejo e chimarrita, a mulher ficava à distância do homem. Era ritual, quase um cerimonial. Esse modo de dançar foi trazido pelos portugueses que hoje está no baú do nosso folclore. O tempo foi passando, vieram outras danças, outras músicas e o baile foi democratizado com o nome de fandango, organizado pelos centros de tradições gaúchas que, a partir do “35” CTG, se espalharam por todo o Rio Grande do Sul e fora dele.

Os fandangos do CTG Lalau Miranda nos três primeiros decênios de sua fundação, mais ou menos, as tradições do Rio Grande eram levadas mais a sério, ou, pelo menos, muito mais do que agora. Para início de conversa, só adentravam no CTG sócios e convidados, portadores de um convite expedido pela patronagem. Quem não estivesse devidamente pilchado, não entrava no salão. O associado deveria estar em dia com suas mensalidades. Só a permanência dos associados garantia o sucesso do fandango. Geralmente o fandango contava com a pre-

sença dos pais, que adquiriam uma ou duas mesas para poder acomodar a família e, por ventura, algum convidado. O conjunto musical tocava com uma intensidade de som, permitindo que as pessoas sentadas ou dançando, pudessem conversar. Os pares dançavam ao som de melodias gaúchas, bem marcadas, e a dança era como um ritual. A mulher, como antigamente, ficava um pouco afastada do homem. O casal que costumava abrir o fandango, geralmente, era o patrão e a patroa do CTG. Deslizavam, suavemente, pelo salão bem encerado. O ambiente era sério e alegre ao mesmo tempo. Nada de correrias pelo salão, nada de beijos roubados. Os tradicionalistas de primeira arrancada tinham suas mesas na primeira fila do salão e a patronagem, sempre atenta, vigiava as pessoas que tentavam não se comportar com dignidade, segundo as regras de um CTG. Naquele tempo, o trovador Gildo de Freitas podia cantar, em versos, as belezas do seu CTG. Bem, mas tudo isso foi naquele tempo, que ninguém consegue esquecer...

XVIII

Um dia desses, li em um jornal um assunto que falava sobre a delicadeza e a grosseria. Dizia o articulista: “De uns tempos para cá, aumentou o número de pessoas grosseiras. Não sei exatamente porque, mas constato que a educação tem sido relegada a um segundo plano”. Hoje em dia, parece não ser importante a gentileza, a cortesia. Mas a coisa se complica quando a indelicadeza vem acompanhada da arrogância.

Há poucos anos, João Pedra nos deixou nesta terra. Primava pela cortesia, pela delicadeza. O sorriso era sua marca registrada. Não sabia falar sem expressar um sorriso. Um largo

sorriso. Sabia cativar, naturalmente. Aquela delicadeza era fruto da sua disponibilidade. Quem não o conheceu no mundo tradicionalista? No Clube Juvenil, onde serviu por muitos anos? No Caixearal Campestre? Nos Círculos de Pais e Mestres? Nas reuniões da sua igreja? Nos movimentos sociais da cidade?

O Pedra, como era mais conhecido, “estava em todas”, isto é, estava em todas iniciativas, para servir. Eu tive o privilégio, de conversar com ele, inúmeras vezes, sobre os mais diversos assuntos, especialmente sobre as atividades da Igreja. Quem não se lembra do Pedra por ocasião das romarias de Nossa Senhora Aparecida? Lá estava ele, dando avisos, orientando a multidão de romeiros, usando o microfone. João Pedra serviu por muitos anos os círculos de pais e mestres. Lá ia ele, para reivindicar direitos em favor da educação. Eu o recebi várias vezes na Secretaria de Educação ou na 7ª Coordenadoria Regional de Educação, liderando movimentos, voltados aos interesses da cidade.

João Pedra era um homem de fé. Soube, com sua esposa Zenaide, suportar, com muita coragem, quando perdeu uma filha. Para os pais, perder uma filha é muito doloroso. O casal, alimentado pela fé em Jesus Cristo, suportou. Foi um homem justo aos olhos de Deus, certamente. O ar de alegria, o sorriso, a disponibilidade para ajudar, transbordou de alegria nossas vidas. João tinha um carinho todo especial pela sua querida sogra, centenária. Um tempo, todo especial João dedicava a sua Igreja Matriz. O Papa João Paulo II dizia: “Não há paz sem justiça, como não se faz paz sem perdão.” O Xará do papa, João, sabia perdoar. Era um homem pacífico, dedicado. Com seu sorriso transmitia paz. João Pedra quando fazia o comentário das Santas Missas, no seu final, exortava o povo para rezar a oração Ave Maria, porque “a mãe de Cristo se apresentou diante dos homens como porta-voz da vontade do Filho”. (João Paulo II)

João Pedra, certamente, só fez amigos. É bom ter um pai assim. Sendo alegre, transborda os lugares por onde passa. A

última vez que tive contato pessoal com o João foi por ocasião da missa de Natal. Lá estava, sentado, ao lado da sua esposa. No final da celebração, dirigi-me a ele, perguntando como estava, pois o vi mais magro. Como sempre, respondeu com um sorriso nos lábios: “Estou bem, graças a Deus...”.

XIX

Em meados do século XIX, um jornal da capital do estado do Rio Grande do Sul publica o seguinte anúncio: ESCRAVA: Vende-se uma mulata de 38 anos, com um filho de 3 anos, de cor clara e compra-se uma negrinha de 10 a 12 anos. Tratar na rua...

Em Porto Alegre havia locais conhecidos como territórios negros, frequentados somente por pessoas de “má fé”. Eram chamados de “espaços malditos”. Esse local, hoje, é o bairro de classe média alta denominado Rio Branco.

Antes da abolição da escravatura, lá pelo ano de 1884, Porto Alegre foi declarada “Cidade Livre” pela câmara de vereadores. Mesmo assim as pessoas negras foram abandonadas no Campo do Bom Fim que, mais tarde, foi chamado de “Campo da Redenção”! Hoje Parque da Redenção.

Em 1855 um negro escravo era cotado a um conto de réis e uma mulher negra valia em torno de 10 mil réis. Só as pessoas muito ricas poderiam ter vários negros escravos.

A economia brasileira era movida pela força braçal dos negros e das negras.

Os agenciadores de escravos prosperavam.

O Naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, ao passar pelo território de Pelotas, no Rio Grande do Sul, hospedou-se na casa de um charqueador luso, importante figura da região, Antônio José Gonçalves Chaves. O naturalista anotou no seu diário o seguinte: “ Há sempre na sala um pequeno escravo, de 10 a 12 anos, cuja a função é ir chamar os outros escravos, servir água e prestar pequenos serviços caseiros. Nunca se assenta, jamais sorri, em tempo algum brinca. Passa a vida tristemente encostado à parede e é frequentemente, maltratado pelos filhos do dono. A noite chega-lhe o sono e, quando não há ninguém na sala cai de joelhos para poder dormir”... “E não é esta casa, a única que usa esse impiedoso sistema,” conclui o naturalista francês, que percorreu o Rio Grande do Sul nos anos de 1820-1821. O escritor gaúcho pelotense, Simões Lopes Neto ao escrever a lenda “Negrinho do Pastoreio”, testemunha, a paixão do negro. O núcleo da narrativa contém a expiração de viver e de morrer de modo redentor. Enfim ” O Negrinho”, é todo o negro escravo assim como o estancieiro é a classe dominante gaúcha que desconsidera a humanidade do negro para possuí-lo a seu serviço, decidindo arbitrariamente sobre sua vida e sua morte.

Conta-se, também, nos anais da nossa história que o Imperador D. Pedro II, certa feita, foi recebido, com pompa, quando chegou ao Rio Grande do Sul, em 1865, para comandar a reação contra as tropas paraguaias de Francisco Solano Lopes.

Sua majestade surpreendeu-se ao ver um grupo de negros, alinhados, executando o Hino Nacional, na imensidão do pampa. O senhor de terras e escravos, Coronel Francisco Pereira de Macedo, hospedava o Imperador em sua casa, na Estância Serro Formoso, então povoado de Lavras do Sul. Conta-se que o estancieiro mandou 50 escravos para se alistar no exército que combatia o Paraguai. Quatro anos depois, o estancieiro foi agraciado com o título de “Barão de Macedo.”

Em Passo Fundo, no ano de 1871, então vila, teve início uma campanha popular em favor da abolição da escravatura.

Essa campanha foi liderada pelos cidadãos Cândido Lopes de Oliveira e Prestes Guimarães.

O historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira registra: “ Aos 13 dias do mês de agosto de 1871, nesta vila de Passo Fundo, funda-se a Sociedade Libertadora de Escravos...” Livros de Ouro foram abertos. Neles eram transcritas atas das assembleias populares em apoio à libertação dos escravos do imenso território passo-fundense.

Na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, foi celebrada uma Missa em Ação de Graças, seguida de festejos populares, registra os anais da nossa história.

A historiadora passo-fundense Delma Rosendo Ghem, acentua em uma das suas obras o seguinte: “ Para que não houvessem ingresso de novos escravos no território, a Câmara de Vereadores aprovou um imposto de 300 reis por escravo introduzido no território”.

Registra, também, a escritora que entre tantas obras erigidas pelos braços negros escravos de Passo Fundo destaca o chafariz da rua Uruguai, esquina com a rua 10 de Abril que servia de abastecimento de água aos moradores... Ali se reuniam os escravos, de ambos os sexos, a buscar água da fonte, para seus senhores, que era transportada em potes e outros recipientes, sempre carregados aos ombros ou a cabeça.



Chafariz da rua Uruguai com a rua 10 de abril, 1928 - 2019

No dia 13 de maio de 1888 Princesa Isabel, filha do Imperador D. Pedro II do Brasil, na ausência deste, assinou uma lei chamada de Lei Aurea. A Redentora.

Aurea é uma palavra de origem latina. Significa “ouro”. Coisa que brilha. Dourada.

Essa lei continha, apenas, dois artigos:

1º É extinta a escravidão no Brasil.

2º Revogam-se as disposições contrárias.

A partir da Lei Aurea, aos escravos restou a dupla opção: passar para um regime de servidão ou constituírem sobras humanas da sociedade. O ato jurídico não foi acompanhado das mudanças necessárias, na estrutura do trabalho. Na época, apenas o abolicionista André Rebouças, formulou um protesto e uma advertência: - Pregava ele o parcelamento da propriedade territorial como forma de libertar os brasileiros negros escravos e de encaminhar uma democracia. Não foi atendido. Registra-se que ele foi mandado embora para Portugal acompanhando a família imperial.

Os abolicionistas políticos limitaram-se à libertação pura e simples dos escravos. Ficaram soltos “ao Deus dará”, no linguajar popular, sem eira nem beira. Isto é, sem nada.

Ao contrário, para os imigrantes alemães e italianos foi-lhe dados terras para produzir, por conta do governo Imperial. Aos escravos negros, nada.

Por isso, o 13 de maio de 1888, pouco representa, talvez, aos afrodescendentes. Resta o 20 de novembro, dia dedicado à Consciência Negra, lembrando a morte do líder Zumbi dos Palmares, figura guerreira da historiografia brasileira, pioneiro na resistência contra a escravidão no Brasil. Pela dureza dos seus senhores, sustentadas pelas leis brasileiras, os negros procuravam refúgio nos chamados quilombos, locais onde eles se refugiavam e se encontravam seguros, com terra e sustento para viverem em comunidade. Ainda hoje os afrodescendentes, lutam

pelo direito de viver em suas terras. É a luta pela demarcação das terras dos seus ancestrais, os quilombolas.

A imprensa noticia que há, hoje, 16 milhões de quilombolas brasileiros lutando por seus direitos. Na Suprema Corte Federal Brasileira há uma demanda no sentido de legitimar as terras dos quilombolas. A convenção 169 da Organização Mundial do Trabalho estabelece: -“O Estado não tem o direito de negar a identidade de um povo, que se reconheça como tal...”

O estancieiro da lenda “O Negrinho do Pastoreio” só para três viventes ele olhava nos olhos: Era para o filho, menino cargoso como uma mosca; para um baio cabos-negro, que era seu parreheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho, preto como carvão e a que todos chamavam, somente, o Negrinho.

A este não lhe deram padrinhos, nem nome. Por isso o Negrinho se dizia afillhado da virgem, Nossa Senhora, que é madrinha de quem não a tem. O negro era um objeto do Estado, contrariando o princípio fundamental da dignidade humana. Nas periferias dos centros urbanos das cidades brasileiras, há muitos negros, nos presídios há muitos negros, nas universidades há poucos negros. O Brasil deve um tributo aos negros pelo que eles fizeram, e ainda fazem pela Pátria.

XX

Um articulista veiculou no jornal e que reproduzimos, porque, quem sabe, poderá servir de reflexão, pelo seu conteúdo. “ Naquele tempo, um espírito de piedade inundara o planeta. Os templos estavam cheios, as catedrais regurgitavam de fiéis, as sinagogas e as mesquitas se espalhavam pelos campos e

idades. Os símbolos religiosos mostravam-se por toda a parte, desde os estádios esportivos até a Bolsa de Valores. – A cultura religiosa dominava tudo. Editoras e gravadores trabalhavam em tempo integral para atender demanda avassaladora de produtos espirituais. O montante recolhido como dízimo engordava as contas bancárias. O nome de Deus invadia todas as frequências de rádio, todos os canais de TV, Os fiéis corriam ao onipotente em suas necessidades. Nos templos, multiplicava-se as curas e os milagres. Nas igrejas ortodoxas a fumaça do incenso e o ouro dos ícones proclamavam a glória divina. A mídia eletrônica reunia multidões. Certo dia, inesperadamente, viu-se no céu um grande sinal; um arcanjo de primeira magnitude apareceu sobre uma nuvem de ouro, trazendo uma trombeta de prata na mão direita e um pergaminho na mão esquerda. Ao toque do clarim, todas as nações se ajoelharam, reverentes. Muitos pensaram que havia chegado, enfim, o grande Dia do Senhor. O arcanjo rompeu o selo e desenrolou a mensagem sagrada começando a ler em voz retumbante: “Assim fala o dominador de todas as nações, Deus forte e Senhor dos exércitos: Meu céu já está completamente cheio. Ontem às 15 horas, foi preenchida a última vaga, com o total de 44 milhões de assinalados. De agora em diante não mais serão atendidas as solicitações de cura e de milagres, de prodígios e sinais. Eu, o altíssimo, após milênios de trabalho incansável, declaro-me aposentado. Shalom”. Quando a mensagem celeste foi enrolada, o mensageiro desapareceu na nuvem dourada e um terrível clamor abalou o planeta. Punhos fechados se ergueram contra o céu. O vozear humano ondeava como mar revoltado pelo vendável. - Não é justo, tenho direito adquirido! E meu dízimo? São mais de 30 anos de investimento! – E eu que abri mão de uma mulher e filhos e, agora que farei da minha vida? Naturalmente, o mundo nunca mais foi o mesmo. As catedrais se esvaziaram. As mesquitas ficaram às moscas. As audiências dos programas de evangelização caíram a zero. As gravadoras e editoras religiosas foram à falência. Todos passaram a aplicar seu tempo no trabalho e no lazer, cada um a cuidar de sua própria vida e zelar pelos seus

próprios interesses. Em uma capelinha da favela, porém, uma pequena lâmpada de azeite permanecia acesa. Curioso, o policial de plantão aproximou-se e abriu a porta. De joelhos diante do altar, três crianças estavam rezando. O guarda interpelou-as: “Ei, crianças! Que estão fazendo aí? – Não sabem que Deus se aposentou? A menorzinha delas, uma negrinha de olhos meigos, voltou-se e apontou para o alto, onde o Crucificado permanecia mudo; - Nós viemos aqui, seu guarda, porque Ele estava muito sozinho...”

XXI

Um tiro, apenas um, e termina a terceira etapa da era Vargas na política brasileira.

Corria o ano de 1954.

Eu já exercia o direito de voto.

O tiro foi antecedido de uma mensagem chamada de “Carta Testamento”. Dizia ela entre outras coisas: “ Deixo, à sanha dos meus inimigos, o legado da minha morte...”

Era o fim da tentativa de tirar o Brasil do controle econômico estrangeiro, em defesa do trabalhador nacional.

Vieram as reações, internas e externas.

Não daria certo.

As campanhas contra o governo Vargas passam a ser violentas. Jornais, revistas, rádios do eixo Rio-São Paulo pressionavam dizendo: “-Um mar de lamas corre nos porões do Palácio do Catete”, sede do governo federal. Pediam a renúncia do Presidente. Até o seu Vice, Café Filho, apoiava a renúncia, diziam os jornais.

Getúlio estava num beco sem saída. Estava acuado. Até parecia que seus amigos e correligionários os teriam abandonados.

Não era do seu feitio renunciar.

A saída foi o suicídio.

A morte trágica de Getúlio Vargas consternou a nação brasileira. O povo foi para as ruas, lastimar o acontecimento. Já era tarde.

Nesse dia, 24 de agosto de 1954, eu, tranquilamente, dava aula para um grupo expressivo de crianças e adolescentes numa escola estadual no meio rural, no interior do município de Palmeira das Missões. Era uma escola totalmente isolada, situada no alto de uma coxilha à beira de um capão de mato.

Num fim de tarde, daquele dia, recebi a visita do senhor José Gomes, pai de vários filhos matriculados na escola e líder político da região. Ele vinha dar a notícia do suicídio do Presidente Getúlio Vargas.

O lugar onde eu lecionava não contava com energia elétrica. Não havia telefone, nem jornal. As notícias corriam de boca-em-boca. Era o que fazia o Sr. José Gomes.

Eu, por ser professor, assinava uma revista chamada “O Cruzeiro” de circulação semanal, que chegava em minhas mãos, geralmente, com uma semana de atraso. Teria que ir até a cidade, para apanhá-la, na sede do Correio e Telégrafo.

Foi o que fiz, no outro dia. Embarquei no ônibus, Passo Fundo-Iraí. Para isso teria que caminhar sete ou oito quilômetros. Além da revista, que eu deveria buscar, havia a curiosidade de saber como estava a cidade, em vista do suicídio de Vargas. Era o dia 25 ou 26 de agosto, não me recordo bem. A cidade estava quase tapera. Não se via gente nas ruas porque os tiroteios, as balas perdidas e as pessoas feridas silenciavam a população da cidade. Olhei e “dei de rédea no meu cavalo”. Voltei pelo ônibus que vinha de Iraí em direção a Passo Fundo trazendo comigo a revista “O Cruzeiro” para ler as notícias atrasadas.

XXII

A última década do século 19 estava por findar quando a Revolução Federalista foi deflagrada. A vida tornava-se difícil, devido a esse acontecimento, não só em Passo Fundo, como de resto, em todo o Rio Grande do Sul. O povo resolveu, com a liderança do padre Guedes, levantar a nova Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição Aparecida, uma vez que a velha igreja da Gal. Neto, havia ruído, pela ação do tempo. Em frente à igreja, a ser construída havia uma área de terra destinada a uma praça pública. Ao redor da igreja e da praça, segundo os velhos historiadores, nada havia. Tudo era campo e mato a não ser os vestígios da velha morada do Cabo Neves, considerado o fundador da cidade de Passo Fundo. Registra-se que, por aqui, passou Giuseppe Garibaldi e sua esposa Anita, acompanhados pelo filho de colo Menotti, perseguidos que vinham pelas tropas imperiais, em 1841. Ali fizeram pousada, na Praça Tamandaré. Mais ou menos no centro, há um marco de pedra indicando o acontecimento. Pois bem, em conversa com o padre Tenário Seibel, certa ocasião, ele que desempenhou sua função sacerdotal por quase vinte anos na Igreja Matriz da rua Uruguai, nos disse que a mesma fora construída com o auxílio da mão-de-obra escrava, uma vez que os negros, libertos pela Lei Áurea, em 1888, ainda vagavam pelas ruas da Vila de Passo Fundo, perdidos, sem trabalho e nem onde morar, certamente. O tempo foi passando e o terreno pertencente à igreja foi encolhendo, ao ponto de não sobrar, quase nada, para a igreja, que hoje se esconde atrás, dos plátanos, imponentes.

XXIII

Registra-se que o governo da Província do Rio Grande do Sul, em 1848, criou na Freguesia de Passo Fundo uma aula destinada às crianças do sexo masculino. Criar uma aula significava organizar um lugar público para ensinar as crianças a ler e escrever.

Na época, esse lugar público certamente era a Capela Católica construída nas cercanias da atual Praça Marechal Floriano, por solicitação do Juiz de Paz do território de Passo Fundo Joaquim Fagundes dos Reis, no terreno doado por José Manoel das Neves, mais conhecido como Cabo Neves.

O problema é que não havia professores para lecionar. Resolvido o problema, o governo criou a segunda aula, agora, destinada às crianças do sexo feminino. Essa aula localizava-se na Capela Curada de Soledade. Corria o ano de 1854. Nessa época, Passo Fundo era o 4º Distrito de Cruz Alta, e a matrícula escolar na Vila era de 70 alunos de ambos os sexos. Em 1860, três anos depois da emancipação política aumentava para 90 alunos atendidos por um professor na Vila de Passo Fundo.

Em 1874, o líder político, intelectual e professor, Prestes Guimarães fez uma denúncia à Assembleia Provincial em Porto Alegre relatando o atraso do ensino público em Passo Fundo. O analfabetismo imperava no território, afirmava ele.

No ano de 1877 a Prefeitura, cria duas escolas no meio rural, na localidade de Butiá, no Pessegueiro. A matrícula era de 77 alunos. Um ano depois, foram instaladas mais duas escolas. Uma no Mato Castelhanos e outra no Campo do Meio.

Em 1886 surge o ensino privado sob a regência do professor Eduardo de Brito. Sabe-se que esse professor dava aulas às crianças, na sua própria casa ou ia lecionar nas residências dos alunos.

Outro marco importante na área de educação em Passo Fundo foi a criação de uma escola pública sob a regência da mestra Ana Luiza Ferrão Teixeira, no ano de 1898. Essa escola deu origem ao Colégio Elementar contando com vários professores para ministrar o Curso Primário, totalizando cinco séries escolares. Era um avanço no sistema educacional

No início do século XX, Passo Fundo registrava o funcionamento de sete escolas primárias mantidas pelo governo estadual sendo que três delas na cidade. No ano de 1916 a população escolar era de 2.436 alunos, de ambos os sexos. O Colégio Elementar da cidade, administrado por um diretor e vários professores, era destaque na região norte do Rio Grande do Sul. Sua matrícula somava 423 alunos. Havia, no interior do município, 5 escolas e 30 salas de aulas. O Governo Municipal começa a subvencionar o ensino no meio rural em todo o território de Passo Fundo, que era imenso. Só havia o Curso Primário, mesmo assim incompleto.

XXIV

Um dia, passando um olhar no relatório apresentado ao Conselho Municipal de Passo Fundo pelo Intendente Nicolau de Araújo Vergueiro, no ano de 1921, entre outros assuntos, ali estampados, me deparei no capítulo do ensino.

Nele aparecem informações sobre o Colégio Elementar da cidade. Dizia o relatório que a matrícula na escola era de 522 alunos e que era dirigido pela professora Eulina Braga. O corpo docente contava com 11 professores, sendo nove mulheres.

Recuando no tempo, verifiquei que, desde o ano de 1898 as autoridades municipais gestionavam para que o governo do Estado encampasse a escola particular da professora Ana Luiza Ferrão Teixeira, transformando-a em escola pública, com a denominação de Colégio Elementar. A professora Ana Luiza Ferrão Teixeira chegou em Passo Fundo acompanhada do esposo que, segundo o historiador palmeirense Mozart Pereira Soares, no seu livro “Santo Antônio da Palmeira” teria mudado de residência de Palmeira para Passo Fundo, em decorrência das perseguições políticas. “Ele incomodava os interesses políticos do Coronel Valzumiro Dutra”. Em março de 1898, foi criado o Colégio Elementar de Passo Fundo. Instalou-se num prédio velho de madeira, alugado pelo governo municipal. O educandário se localizava na Av. Brasil, esquina com a rua Marcelino Ramos. Em 1927 o velho prédio de madeira não tinha as mínimas condições de abrigar os professores e alunos. Estava deteriorado.

Conta-se que a professora Eulina Braga, diretora do educandário, insatisfeita com a situação e traduzindo os sentimentos da população, foi a Porto Alegre e, no Palácio, solicitou uma audiência junto ao Governador do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros. Em conversa, disse ao Governador: “ O velho casarão do Colégio Elementar de Passo Fundo vai desabar, senhor governador. O dr. Borges de Medeiros, político hábil, tranquilizou a professora e pediu que ela retornasse a Passo Fundo e aguardasse solução. A professora não gostou da aparente tranquilidade do Governador. Num tom incisivo, mas educado, disse: “- Estou aqui para solicitar segurança para meus alunos e professores. “Não pretendo retornar ao Palácio para trazer atestado de óbito ou responsabilizá-lo pela desgraça e o desabamento do prédio.”

Diante do forte argumento da professora Eulina Braga, o dr. Borges de Medeiros autorizou, naquele instante, a liberação do dinheiro necessário à construção do prédio para o Colégio Elementar de Passo Fundo. Em 1929, numa festiva manhã, diante do Pavilhão Nacional, autoridades civis, militares e religiosas, o corpo docente e discente, com a presença do povo da cidade, era inaugurado o novo prédio escolar, num terreno doado pela Prefeitura, numa das alas da praça da Republica, hoje Tochetto. Em 1939, no regime de Estado Novo o Colégio Elementar, face a reforma do ensino, passa a ser denominado de Grupo Escolar “Protásio Alves”, em homenagem ao médico Antônio Protásio Alves, fundador da Escola de Medicina de Porto Alegre.

XXV

As ruas da cidade de Passo Fundo que comportam o maior trânsito de pessoas e de automóveis, constituem o que costumamos chamar de centro urbano, formado pelo antigo povoado, depois Vila de Passo Fundo. Essa área de terra onde transitavam pessoas, animais, carroças, é do século XIX. No início do século XX, começam a circular alguns automóveis. Um que outro. As ruas Moron, Uruguai, Paissandu, Eduardo de Brito, Independência e General Osório e suas transversais eram estreitas. Nessa época, a cidade ainda era um pequeno núcleo arruado. Em cada rua, poucas quadras construídas. Não havia calçamento e, muito menos, calçadas. O que havia, na verdade, eram muitos terrenos vazios. O que os administradores deveriam ter feito? Desapropriado todos os terrenos para alargar a pista de rolamento, em benefício do bem público. Não o fizeram. O tempo foi passando e as ruas foram se espichando. Ruas estreitas com calçadas ainda mais estreitas.

São por essas ruas mal traçadas, afora as avenidas, Brasil, Presidente Vargas, que transitam milhares de pessoas e automóveis. O espaço é o mesmo dos séculos XIX e XX. Quantas pessoas andavam por essas ruas? Poucas. Quantos automóveis? Nenhum. Transitava, isto sim, além das pessoas, cavalos, carroças, carretas. A população cresceu, muito. Os automóveis, na mesma proporção. Como colocá-los no mesmo espaço? Agora, resta saber consertar. Reorganizar o transporte coletivo? Seria uma saída. Deixar o automóvel em casa? Seria outra? Cobrar alta taxa de estacionamento, como aconteceu na Holanda?

Transitar é andar. Mas andar com segurança, tanto as pessoas que andam a pé, como as que andam de automóveis. Na canja de tudo isso, vem a educação. Todos somos pedestres, mas nem todos somos motoristas. Tanto um como o outro, devem ter desempenho harmonioso. Como estará o centro urbano da cidade de Passo Fundo no final do século XXI? Hoje as ruas do centro da cidade estão entupidas de automóveis, do amanhecer ao clarear da madrugada.

“De quem é a rua”, perguntou o poeta. Ele mesmo respondeu:

“ A rua não é minha, não é tua, é da velha Prefeitura...”

XXVI

Um dia desates, não sei bem qual foi, li um texto que tratava da ética e da política. Foi escrito num dos anos da década de noventa, no seu final. Pelo que dizia, dava a entender que se tratava dos acontecimentos de hoje. Mas não, já se passaram quase vinte anos. Dizia, numa certa altura: “Há um clamor generalizado pelo comportamento ético na política. A falta de

ética está na raiz de todos os problemas geradores da crise.” E concluiu: “A crise mais sinistra é a imoralidade”.

De lá para cá, as coisas não mudaram. Pelo contrário, se agravaram. Os escândalos se multiplicaram geometricamente e nada acontece. Ou pouco acontece. Muito barulho da mídia, isto sim. A conduta de certos políticos causa perplexidade e insegurança na sociedade. E é só, num primeiro momento. Depois, algumas horas depois, tudo volta ao “normal”. Descobrem-se os desmandos, tardiamente. Eles emergem de uma vida, há muito dedicada à fraude. E o que é pior, emerge de altas autoridades, ou melhor, de pessoas que detêm o poder. São eleitos pelo povo para exercer o poder legislativo e se transferem para o poder executivo, lá onde está o dinheiro público.

Na democracia, todo o poder vem do povo. É o que se propaga. Qualquer atitude que trair essa delegação de poder originário causa constrangimento. Hoje, a todo o momento, chegam, por intermédio dos meios de comunicação social, clamores contra a conduta imoral, deste ou daquele ente público. Desviar o dinheiro público, ilegalmente, é tirar o dinheiro que a população precisa para a saúde, para a educação, segurança, transporte... Dinheiro público é dinheiro público. Deve ser direcionado para atender o bem comum, identificado com a ética e a moral. Tratando-se de conduta, a ética a política são caminhos que se cruzam. A lei deve tratar de preservar uma postura moral na política. Não se pode tolerar, do ente político, a malversação do dinheiro público. Convém lembrar que a palavra corrupção, segundo o nosso dicionário significa: depravação, suborno, desmoralização. Palavras muito feias, para quem se diz político.

XXVII

Maximiliano Beschores, engenheiro pesquisador alemão, nasceu em 6 de julho de 1847, na Saxônia, Alemanha. Em 15 de fevereiro de 1865 chegou a Porto Alegre, onde iniciou sua vida profissional, como professor e naturalizou-se brasileiro. Fez parte da expedição para levantamento topográfico de terras do Alto Uruguai. Passou por Santa Cruz do Sul, Passo Fundo, Palmeira das Missões, São Luiz Gonzaga, Cruz Alta e Nonoai.

Em Passo Fundo, Maximiliano permaneceu por um ano. Aqui ele teve a oportunidade de fazer, regulamente, observações meteorológicas.

No seu diário, em 1883, o engenheiro anotou: “A Vila de Nossa Senhora da Conceição de Passo Fundo, consiste num emaranhado de ruas e travessas. Há, porém, só uma verdadeira rua – a do Comércio, com mais de 3 quilômetros de comprimento e 60 a 70 metros de largura. As demais, paralelas e transversais, são indicadas, apenas, por casas isoladas”.

Mais adiante ele registra: “Na extremidade norte da rua do Comércio estão determinadas duas praças, que estranhamente não foram ainda construídas”. E o engenheiro alemão naturalizado brasileiro, continua: “Na praça situada à leste está a igreja e o cemitério católico. A igreja é uma construção comprida, simples, feita de tijolos. Ao lado, suspenso um andaime, está o sino com data de 1688, proveniente das Missões, de onde foi trazido, após a construção.”

Das duas praças que não foram construídas, citadas por Maximiliano, uma delas é a atual Praça Tamandaré. A outra é a

Praça Bela Vista, onde, mais tarde foi destinada à Igreja Metodista para ali levantar um belo educandário (IE).

A denominação da Praça com o nome Almirante Tamandaré foi no ano de 1865, para homenagear o Joaquim Marques Lisboa, Visconde de Tamandaré, vice Almirante que lutou na Batalha de Paissandu e onde participavam tropas de Passo Fundo.

A área de terra destinada a uma praça só contava com o nome, não havia contornos, e nem Igreja. No final do século XIX em 1893, deu-se início à construção da nova Igreja Matriz de Passo Fundo, na rua Uruguai, uma vez que o desenvolvimento da Vila se projetava para o lado do Boqueirão.

Entrávamos do século XX e a igreja, na sua construção de alvenaria, não foi concluída, em virtude da Revolução Federalista que ensanguentou a cidade e o interior de Passo Fundo. Assim, as duas cresceram, harmoniosamente: A Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição Aparecida e a Praça Almirante Tamandaré.

XXVIII

Segundo consta nos arquivos da Arquidiocese Metropolitana Nossa Senhora da Conceição de Passo Fundo o registro da primeira certidão de batismo realizado na pequena Capela, ocorreu em 26 de dezembro de 1836. O documento, quase apagado diz: “Aos vinte e seis de dezembro de mil oitocentos e trinta e seis, nesta Capela de Passo Fundo, batizei com a Unção dos Santos Olhos ao inocente SESARINO, nascido a vinte de dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco, filho legítimo de Maria do Rosário Ferrão. Padrinhos Manoel Antônio da Silva e Prudência Anna e, para que conste, fiz o presente que assino”.

Um dia desses encontrei belas peças literárias de autoria da nossa escritora Prof. Delma Rosendo Ghem. Dizia ela: “Ao tempo em que o Capitão Araújo negociava ao balcão em sua casa à rua do Comércio, esquina da Travessa do Estreito, hoje rua Capitão Araújo, nesta cidade, então vila, o sistema de negócios, em regra, era o fiado.”

Quando o freguês fazia qualquer compra, não havia outra coisa que fazer, senão tomar o borrão e ir logo assentando a operação.

Às vezes, o lojista nem mesmo sabia o nome do freguês que lhe comprava. Também não se enviavam contas ao freguês. De tempos em tempos, o lojista puxava aí pelo livrão de contas correntes, somava e, ali mesmo, sem mais aquelas, ou acreditava-lhe a entrada, se parcial, ou encerrava a conta, se anotado era pagar.

Certo dia, chegando à loja um freguês e fazendo compras, ia o Sr. Araújo, de costume, assentá-las, quando lhe ponderou, naturalmente, à parte, seu filho e caixeiro, que aquele homem não tinha crédito na praça. Era velhaco. “Não quer dizer nada. Por isso mesmo, não podendo comprar fiado aos outros, terá necessidade de ser pontual comigo. Respondeu-lhe o velho Lucas Araújo”.

Há também, a cerca dos primeiros automóveis que transitaram pelas ruas de Passo Fundo, nos primeiros anos de século 20. Pois sim, a partir do ano de 1910, Passo Fundo começou a receber os primeiros automóveis na cidade. Eram dois, uma cor preta outro de cor cinzenta, ou cinza, melhor dito. A gasolina usada era importada, vinha em latas, à razão de 10 mil réis. Cada litro custava 250 réis. Nessa época, o ilustre cidadão Armando de Araújo Annes comprou um carro Ford. Nas manhãs ensolaradas, o carro era tirado da garagem, permanecendo algumas horas funcionando para aquecer o motor acionado com uma manivela, que era introduzida num buraco em frente do automóvel. Esse trabalho devia ser realizado por uma pessoa prática, pois quando o motor ligava, o carro dava pinote, saltava, e o manivelador corria sérios perigos.



Os primeiros carros da cidade.

XXIX

Gilson Grazziotin, empresário, era uma pessoa muito conhecida, tanto em Passo Fundo como no sul do Brasil. Como pessoa humana, eu o conheci há pouco tempo. Por ironia do destino, frequentamos a mesma escola, em tempos diferentes. A Escola Técnica de Agricultura de Viamão. Tive o privilégio de conviver com O Gilson algumas horas das quartas-feiras e sábados, pela tarde quando ele passou a fazer parte do Grupo de Bochas “Amigos do Marcondes”. Um pouco mais de uma dezena de amigos que se reuniam para jogar bocha e botar conversa fora, como se costuma dizer, isto é, conversar amenidades. No dia em que o Gilson recebeu o “batismo”, ritual de entrada no grupo e cujo cerimonial era pura brincadeira improvisada, desde aquele momento, percebi o espírito de simplicidade e companheirismo que se revestia naquele que foi um dos maiores empresário de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul. O chamado cerimonial era pura brincadeira, como já disse. O Gilson se comportava como tal. A cada ato que era realizado,

ele respondia com um sorriso e, às vezes, com uma gostosa gargalhada, à moda Padre Baggio, de saudosa memória. Quando o Gilson começou a jogar bocha, confessou que não jogava muito bem. Mas, como ele não era homem de fazer as coisas mal feitas, tratou de treinar. Logo ponteava e já batia muito bem. Cada vez que Gilson acertava uma bochada, a transformava numa verdadeira festa e corria para receber o abraço dos companheiros. Parecia um guri. Como todos lá do grupo. Na época da colheita das frutas, o Gilson aparecia com um cesto de vime, cheio das mais variadas frutas, cultivadas na sua residência, com muito carinho, segundo ele mesmo dizia. Gilson tinha o prazer de ver seus companheiros saboreando aquelas frutas. Eu observava e sentia o prazer de ver Gilson participando do grupo, naquelas horas das tardes de quartas e sábados. Embora a imensa carga de atividades. Costumava-se dizer que o único que trabalhava no grupo era ele, porque ainda era jovem. Excluindo o Taschetto... O Alberto Poltornieri, certa vez nos contou que estava jogando bocha quando seu telefone tocou. Atendeu. Do outro lado da linha estava o Gilson. Queria saber como estavam os companheiros, se estavam jogando, etc... Dizia que estava na Europa. Gilson buscava sempre a verdade, firme nas suas convicções, nas suas atitudes, alegre. Se perdia um jogo de bocha, não ficava amargurado. “Vencer ou perder faz parte da vida. O que é preciso é procurar fazer bem feito”, afirmava. O grupo perdeu um bom companheiro. Perdeu Gilson Grazziotin. Enquanto suas forças físicas e psíquicas conseguiam animá-lo, ele aparecia, lá pelas três horas da tarde, para conversar e largar duas ou três bochas. Confesso que nunca vi ou ouvi o Gilson queixar-se por estar doente. Quando perguntávamos: Como vais? Gilson respondia com um sorriso. “Vamos levando”. Uma tarde dessas, durante a hora do lanche, o Gilson, que estava sentado num canto da mesa, se levantou e disse: “Hoje estou fazendo aniversário”. Todos ficamos surpresos, porque o dia de seu aniversário não era aquele. Gilson logo explicou: “É que hoje faz um ano que estou revivendo”...

XXX

Os imigrantes alemães e seus descendentes desempenharam importante papel que desencadeou o processo republicano em Passo Fundo; Eles faziam reuniões em sua residência para ouvirem palestras proferidas por destacados políticos do Partido Liberal, como Antônio Pereira Prestes Guimarães e João Schell, tendo como tema o regime republicano. Os descendentes alemães, simpatizantes da nova ordem que seria implantada em 1889 no Brasil eram: Saturnino Falkembach, Frederico Guilherme Kurtz, Frederico Graeff, Carlos Reichmann, João Kurtz, Adão Benk, Garcia Neckel, Nicolau Falkembach, Jorge Schell, Manoel de Araújo Schell, entre outros.

Os alemães e seus descendentes, moradores em Passo Fundo, também tiveram participação ativa em favor dos movimentos abolicionistas, culminando em 13 de maio de 1888. Anterior a esta data já havia em Passo Fundo a Sociedade Abolicionista, que visava libertar os negros escravos residentes no município. Participavam no processo abolicionista em Passo Fundo as seguintes pessoas de origem alemã: João Jacob Müller Filho (ve-reador), Ludwig Morsch, Guilherme Block, Carlos Gosch, Jorge Sturm Filho, entre outros, constituindo um reforço expressivo em favor da abolição da escravatura em Passo Fundo.

O trabalho pastoral de nova Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, agora na rua Uruguai, contou com o trabalho de padres alemães. Em 1904, assumiu o Pe. Pedro Wimmer que foi substituído mais tarde pelo Pe. Valentim Rumpell, tendo como coadjutor o Pe. João Rafael Iop, palotino e descendente de famílias alemãs. Este último foi o fundador do Hospital São Vicente de Paulo em 1918.

Em 1901 em ato solene realizado nas dependências da Intendência Municipal foram agraciados os expositores que participaram da Exposição Estadual do Rio Grande do Sul, realizada em Porto Alegre. Entre outros agraciados, os seguintes expositores alemães: Fernando Goelzer, Antônio Schell e Frederico Guilherme Kurtz.

O alemão Maximiliano Beschoren, naturalista, topógrafo e engenheiro esteve em Passo Fundo no final do século XIX. Ele aqui residiu por dois anos, fazendo anotações cartográficas, astronômicas, medições barométricas de altura, registrou a topografia do território de Passo Fundo. Ele descreve a vila, sendo um ponto de referência fora de seus estudos da região do Alto Uruguai. O alemão Beschoren deixou uma contribuição muito valiosa através dos seus registros contidos no seu diário, que foi enviado à Berlin.

XXXI

Que dia Passo Fundo foi emancipado? Sete de agosto ou 28 de janeiro? A maioria da população diria que foi emancipado dia 7 de agosto. Poucos diriam que foi emancipado no dia 28 de janeiro. A resposta certa é 28 de janeiro. O conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul decretou: “Faço saber a todos os habitantes, que, a Assembleia Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei, a Lei seguinte”:

Art. 1º – São elevadas à categoria de Vila as Freguesias do Passo Fundo e de Canguçu.

Art. 2º – Os limites da Vila do Passo Fundo compreenderão não somente o distrito como Freguesias, como todo o território da nova Freguesia de Soledade.

Art. 3º – A Vila de Canguçu....

Art. 4º – São revogadas...

E a legislação arremata:

“Palácio do Governo na Leal e Valorosa cidade de Porto Alegre, aos 28 dias do mês de janeiro de 1857, trigésimo sexto da Independência e do Império.”

Assina: Jerônimo Francisco Coelho.

A área territorial do novo município de Passo Fundo, desmembrado de Cruz Alta era de mais ou menos 24 mil quilômetros quadrados.

Por que a data foi esquecida?

Por que as autoridades municipais resolveram destacar a data de 7 de agosto, dia em que foi instalada a Câmara de Vereadores, na época denominada de Conselho Municipal, e empossados os conselheiros e o presidente eleito? Desprezaram o dia do nascimento. Hoje, nem o 7 de agosto é comemorado. As datas magnas do município passam sem ninguém notar. E as gerações de estudantes que passam pelas escolas, será que comemoram essas datas? As escolas projetam algumas atividades em torno do assunto?

Vamos voltar ao passado. Foi lá pelo início da segunda década do século XIX que aqui chegaram os primeiros moradores da futura cidade de Passo Fundo. O historiador passo-fundense Antonino Xavier e Oliveira anotou: ” Há tempo andei a busca do sítio exato em que em fins de 1827, ou começo de 1828, levantara seu rústico estabelecimento o Cabo Neves”.... Diz o historiador que esse ponto teria sido no cruzamento das ruas Paissandu e Teixeira Soares. Será que esse ponto não merece um marco destacado?

XXXII

Casamento é um passo muito importante na vida. Quanto a isso ninguém duvida. Casamento pressupõe família. A família natural, homem e mulher, pressupõem filhos, naturais ou adotivos. Antigamente, e isso não faz muito tempo, a família se alicerçava na figura do pai. Era numerosa, muitos filhos, casa ampla. Muitos quartos, cozinha grande e poucos móveis.... Hoje a família ficou reduzida a três ou quatro pessoas e os locais de trabalho dos membros da família são distantes, exigindo grandes deslocamentos diários, a habitação tornou-se de difícil solução. As residências, hoje, são coletivas, reduzindo a privacidade do casal, da família. Os filhos já não são mais o braço que ampliava a produtividade do grupo familiar. Tornaram-se mais “caros”, porque é preciso garantir-lhes uma educação formal. A mulher descobre a possibilidade de realização profissional, além dos encargos domésticos. Surge a chamada família moderna e os filhos tendem à emancipação precoce. O casal é forçado a pensar sobre a essência do casamento, da família, num mundo com constante mudança. Tim Maia, cantor da música popular brasileira, há mais ou menos uma década cantava: “Homem com homem, mulher com mulher”... chegamos a este tempo. O Papa Paulo VI, num discurso proferido ante dois mil casais, há alguns anos, dizia explicitamente: “Como a Sagrada Família nos ensina, o matrimônio, antes de ser sacramento, é uma realidade terrestre: “ Deus, criou o homem a sua imagem. E criou homem e mulher” (Gn 1) Precisamos recordar todos os dias esta primeira página da Bíblia, se quisermos compreender o que é e o que deve ser um casal humano, um lar. A dualidade dos sexos foi querida por Deus, para que o homem e a mulher,

juntos, fossem a imagem de Deus e, com Ele, nascente da vida: “Crescei e multiplicai-vos; enchei e dominai a terra” (Gn 1) A propósito, “dominar a terra” não significa explorar. Dominar significa torna-la bela, sem poluição do ar, dos rios... Multiplicai-vos é gerar filhos, tanto quanto possível. Se não for isso possível podemos adotar uma criança, que necessita de um pai e de uma mãe. É a perpetuação da vida. Vida gerando vida.

XXXIII

A busca do sentido da vida é um anseio indormido no coração de toda a pessoa humana. Nós sempre queremos descobrir, no curso da nossa existência, o sentido próprio da vida. Mas tem gente que já está embrutecida pela sua condição de miséria, espiritual ou material. Nessa condição já não consegue perceber esse anseio interior. A busca do seu “ser” e do seu “estar” no mundo.

Numa segunda-feira fomos convidados pelas netinhas Juliane e Joana para a festa de encerramento do ano letivo do IE (Instituto Educacional). Lá estávamos: a Clair, a Natália (outra neta) e eu. A festa era nos altos do histórico Boqueirão, ao ar livre, sob a luz da natureza, a proteção dos velhos eucaliptos e embalados com a brisa gostosa vinda do “passo”, do outro lado da cidade.

Foi uma festa de beleza interior, proporcionada pelas crianças e jovens do IE, coordenadas pelas professoras Suzana e Magda. O tema: Paz. Tudo falava de paz por meio das danças. As tradições do velho IE estavam de volta. Os pais, os avós, os amigos da escola estavam de volta. Os alunos estão de volta. A confraternizações e, principalmente, a boa qualidade do ensino

ministrado. “Tudo está em seu lugar, graças a Deus”, dizia o poeta do samba.

O homem, quem é ele? Seria aquela pessoa alegre, saudável, risonha, emotiva, solidária, que tivemos a oportunidade de ver na festa de encerramento do ano letivo do IE? As crianças e os jovens nos permitiram compreender o valioso da vida, na simplicidade e apreensão de toda a riqueza do reino, do valor. É por isso que se pode declarar que “somente no mistério do verbo encarnado, Deus e Homem perfeito se ilumina o mistério do homem”. (Gaudium et Spes)

Quem esteve na festa sentiu o prazer de ver a luz de Deus no semblante de cada criança. Somente o clarão da vida, do amor, do sofrimento, das alegrias, da oração, da eucaristia conseguimos sentir o mistério chamado homem.

XXXIV

O rio Passo Fundo recebeu na linguagem indígena o nome de Goio-em, que significa águas profundas. Eles também o chamavam de “Curuti” com o significado de rio dos pinheirais. No final do século XIX chamava-se rio Uruguai-Mirim. Finalmente, daí em diante passou a ser denominado rio Passo Fundo.

A origem do nome da cidade, diz o historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira “remonta aos dias em que para se evitar a volta longa e inconveniente pela antiga estrada de Vião e Santo Antônio da Patrulha, os tropeiros optarem pela estrada “Caminho da Campanha Missioneira, passando pela região de Passo Fundo, para fazer a viagem do sul rio-grandense à Província de São Paulo e vice-versa”. Nessa época, diz o historiador, o vau (passagem), recebeu o nome de Passo

Fundo. Desse vau chamado de Passo Fundo, como era natural, estendeu-se o nome ao rio e ao lugar, que daria origem a um pequeno núcleo de moradores. PASSO FUNDO.

Os ecologistas Paulo Fernando Cornélio, Fabiana Biondo e Eloísa Márcia Dalpaz, publicaram uma interessante matéria sobre o rio Passo Fundo, no jornal Tropeiro dos Pampas, em 5 de agosto de 2003 com o título: “Um olhar histórico e geográfico do rio Passo Fundo”. O rio, diz a matéria, nasce próximo à divisa dos municípios de Passo Fundo e Mato Castelhano, leste da cidade e ao norte da BR 285, nas coxilhas da localidade histórica de Povinho Velho, chamada, antigamente de Povinho da Entrada. Nesta área localiza-se as nascentes do rio Jacuí, formando, assim um importante divisor de águas.

A matéria é interessante, uma vez que, na mesma, os autores procuram descrever o desgaste que sofre o rio Passo Fundo, desprotegido nas suas margens e poluído por agrotóxicos, assoreamento e barragens. Próximo à área urbana, continuam os impactos ambientais, como presença de pedreiras, fábricas, depósitos de lixos clandestinos, esgotos residenciais e comerciais e retiradas de areia do seu leito. O lixo é um dos fatores mais preocupantes, dizem os ecologistas, fazendo-se presente, em quase todo o percurso urbano.

XXXV

Boa parte dos pais, quando envelhecem, são abandonados. Esse abandono poderá ser físico ou psíquico. Às vezes no convívio do próprio lar, outras vezes segregada numa casa que cuida dos idosos. Antigamente essa casa era chamada de asilo. A expressão “asilo” se tornou feia. Agora se chama casa geriátrica. Para alguns, infelizmente, o velho é “incomodativo”,

isto é, incomoda os mais jovens. Só os insensatos agem assim. “Meu filho, cuide bem de seus pais na velhice e não os abandone, enquanto eles viverem”. É o que está escrito. Isto quer dizer que enquanto estiveres em pleno vigor devem ser compreensivos para com os pais. Não nos dão o direito de desprezá-los. O Livro da Sabedoria diz que “a caridade feita aos pais não será esquecida e valerá como reparação dos nossos pecados que tivermos cometidos”. “Quem desprezar seu pai é blasfemador e quem irrita a sua mãe será amaldiçoado pelo Senhor”. É uma sentença muito dura. Reafirma o Mandamento da Lei de Deus: Honrarás pai e mãe.

Desprezar é não dar importância, é dar desgosto, tornando-o triste. Quem assim faz com relação ao pai é blasfemador e injuria aquilo que é sagrado, porque honrar pai e mãe é sagrado. Quantos filhos ou filhas já não irritam sua mãe? A irritação poderá provocar preocupação, pela desobediência. As vezes a mãe fica triste e chora.

Quem estaria contribuindo em favor dessa situação indesejável? A falta de amor, certamente, seria a primeira coisa. Existem outras, como, por exemplo, certos programas de televisão, como certas cenas de novelas. A desobediência dos filhos está estampada nas cenas das novelas e dos filmes. A permissibilidade exposta nos mais variados programas de TV. As crianças e os adolescentes, aos poucos, sem que os pais se deem conta vão incorporando esses quadros contracenados pelos ídolos (falsos), e reproduzem na vida real. Os pais, por outro lado, fazem de conta que não estão vendo, e nada fazem para contrapor.

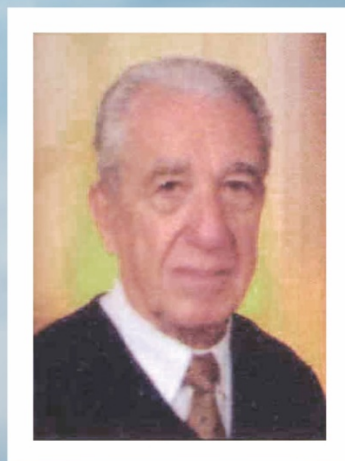
A verdade é que o filho sábio enaltece e obedece aos pais. Respeito não faz mal a ninguém, já diziam os nossos avós. Como é bom quando um filho diz: “Querido pai, você é a pessoa importante, demais, para nós, seus filhos. ”. Faz-me lembrar um livro que ganhei, certa ocasião da nossa filha Magda, a caçula, já casada. Dizia na dedicatória: “ Para um generoso e amado pai”. Embora não tenhamos sido tão generoso como

deveríamos, mesmo assim, ela nos honrou com um gesto de amor, coerente com sua conduta diária. Assim, também, se expressam os demais filhos: Suzana, Roque, João Manoel e Izabela. É muito bom, não ser abandonado na velhice.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Welci Nascimento - Nasceu em 14 de janeiro de 1933, na cidade de Palmeira das Missões, vindo morar em Passo Fundo no final da década de 60. Contraiu matrimônio com Clair Lisboa Nascimento, em Palmeira das Missões, no dia 06 de agosto de 1955. Do matrimônio nasceram 5 filhos. Profissionalmente foi professor por mais de quarenta anos, exerceu inúmeros cargos públicos e publicou vários livros, muitos sobre a história de Passo Fundo.

Conta-se que um jovem cristão se dirigiu a um jovem muçulmano, dizendo:

- Ensina-me a rezar na fé de vocês?

A partir de então, os dois jovens se encontravam, regularmente, até que um dia, depois de um período de ausência, um deles disse:

- Faz tanto tempo que não conversamos que não cavamos nosso poço! A partir daquele momento, a expressão “cavar o poço”, tornou-se presente entre eles.

Dias depois, o jovem muçulmano perguntou ao jovem cristão:

- No fundo do poço, o que iremos encontrar?



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

